



REDATOR PRINCIPAL * * *
Alexandre Vieira
EDITOR * * * * *
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)
Oficinas de impressão — R. da Atalaia, 134
Redação e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. Talhava — Lisboa • Telephone: ?

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PALAVRAS!

Pela secretaria geral do ministério do trabalho foi ultimamente enviada a quente circular às associações operárias e patronais:

A hora presente exige o máximo de esforço da parte de todos os que trabalham, devendo dentro desta nova era de paz conseguir-se sem perturbações nem violências a satisfação do que é justo e equitativo para bem das colectividades.

Esse cuidado mais se deve fazer sempre em Portugal na situação especial e dimentar de quaisquer das suas instâncias, sendo necessário que todos sejam ao seu progresso, tentando aproximar-lo dos países mais próximos, não só prestando-lhe o seu maior esforço como ainda prestando aos que trabalham um bem-estar relativo que permita nas horas de labor o rendimento máximo indispensável.

Sua ex.º o sr. ministro do trabalho, querida dessa ordem de ideias, deseja conciliadas, quanto possível, os interesses das classes trabalhadoras e a conseguirem com perfeita harmonia o progresso de cada um dos seus membros de actividade e chama a sua especial atenção para o decreto n.º 5.516, de 7 de Maio de 1919, referente ao estabelecimento do horário das 8 horas de trabalho.

Para a necessária regulamentação desse decreto, atendendo aos diversos

os especiais em que as indústrias e

o mérito se exercem, impõe-se que sejam

as próprias classes interessadas que

eguem a um acordo, procurando v.

na sua qualidade de presidente,

estar-se com a associação dos repre-

sentantes da classe de patrões dessa

mesma natureza, a fim de estabelecer

um regulamento compatível com

os serviços em que se ocupam, envan-

çando aí dia 15 do corrente uma cópia

este ministerio, para se proceder

determinações do art. 23º do citado

creto 5.516."

Bonitas palavras são estas, mas de

louváveis se trata apenas.

E' possível que, homens de boa-fé

nos somos, tomássemos como ditadas

um sincero desejo de paz as intenções

do ministro, se a anular esta hipótese

o houvesse factos praticados pelo

mesmo, no altâs curto lapso de tempo

em que sobraria a respectiva

responsabilidade.

Ora como esses factos desmentem ter-

namente as expressões que aquela

encerra, conclui-se que é muito

esta a intenção do seu autor e, sem

maior esforço, adivinha-se que o que

é o propósito de protelar por mais

tempo, ainda a questão do regime de

trabalho das 8 horas, questão esta que

não é objecto das maiores cómicas con-

cordâncias ministeriais, só susceptíveis

de verificar-se num país como este, em

e os que governam não tem o míni-

o respeito pela opinião pública, mas

com obedecer cegamente, como dô-

s e automáticos, às imposições dos sin-

atos dos homens do comércio e da

indústria — a única opinião que elas ac-

cedem.

Falas-nos o ministro do trabalho, em

modos brandos, paternalistas, de pacifi-

cação entre classes com interesses tan-

tos, esquecendo que, quando não

existe a dividir as aspirações absoluta-

mente heterogêneas, bastaria recor-

a sua própria conduta de homem

governo para chegar-se à conclusão

que não há possibilidade de efectuar

qualquer entendimento.

Apenas no poder há uma dúzia de

eses, este governo tem-se encarregado

de ser o deputado à Companhia

Portuguesa

Forçados por um contrato que temos

com a Companhia Portuguesa, para a

edição de comunicados e anúncios,

temos por vezes avisos da referida

companhia para a inscrição de pessoal

para substituir o que está em greve.

Prevenidos todos os grevistas que

o devem ligar a mínima importância

emelhantes avisos, aconselhando-os a

se apresentar ao trabalho, como em

feito até aqui, porquanto a publica-

ção de tais comunicados é nos impos-

repetimos, por contratos existentes,

no cumprimento não podemos es-

quivar-nos.

Firmeza e solidariedade é o que te-

mos o dever de inculcar a todos, e isso

sempre de bom grado.

m homenagem à "Batalha"

O PASSEIO FLUVIAL DE

SETÚBAL A CEZIMBRA

é efectivamente amanhã que se rea-

liza o anúncio passo fluvial, que um

apoio das dedicadas elementos da for-

ma cidade do Sado organizou capri-

camente. E' desnecessário acentuar

o enorme a animação entre todos

os possuidores de bilhetes por tan-

to dia seguinte, uma das me-

res festas que operários tem levado

até ao momento, acompanhando

excursão dos fotógrafos que, durante

12 horas que o passeio durará, tirar-

á vários grupos.

• • •

Federação do Livro

e do Jornal.

• • •

Ontem, às 19:45 não havia ligação

telegráfica entre Porto e Coimbra, igno-

rando-se o motivo.

• • •

NOTAS & COMENTARIOS

Cinofagia

Um telegrama de Copenhague, inser-

to no Avanti! de Milão, conta:

Dizem de Hamburgo que, em conse-
qüência da descoberta de cadáveres de
cães e gatos numa fábrica de conservas
alimentícias, os proprietários e direc-
tores desta foram assaltados e mal-
tratados pela multidão. O povo invadiu
as oficinas, e, tendo tentado atacar os
soldados da guarda municipal, fogo
disparou várias armas de fogo.
Mortos e feridos graves, estando

proclamado o estado de sitio em Ham-
burgo.

A comer gato já é desfachatez dos fei-
tes de Santos nos tinha feito chegar.

Quanto a carne de cão é que nada consta,
o que não quer dizer que não lo-
tenha já algum honesto restaurante
impingido por cabrito. Os alemães,
quando adequadamente descobrem na fábrica
de conservas aquela morte canina que pretendiam fazer-lhes ingerir, re-
voltaram-se à tese. Já nós cá, em Por-
tugal, somos de melhor boca, louvado

seja Deus! Comemos o que nos dão,
o que é referido industrialmente.

A Companhia afiou novo aviso para inscrição de

novos pessoal. E' preciso que os ferro-
viários tomem na devolução conta esse aviso,

que propalam ser um facto a regulari-
dade de tais serviços. A Companhia
afiou novo aviso para inscrição de

novos pessoal.

Que atentem bem nestes factos os

ferroviários, mantendo a greve com o

entusiasmo e a firmeza que tem sido

até hoje, o seu norte.

Um manifesto aos grevistas

Ontem de tarde foi profusamente dis-
tribuído o seguinte manifesto:

Camaradas: O momento é grave.
Depois do que se passou ontem no par-
lamento, o caminho a seguir é, mais do
que nunca, resistir, resistir sempre, for-
talecidos no grande exemplo da solida-
ridade que a classe há tantos dias ven-
dendo.

Para um espírito elevado que luta
por um ideal emancipador e que tem a
sanção da sua consciência como orienta-
dor das suas ações, o miserável im-
perialismo é a maior desgraça que tem a
vida.

O governo reptas? O poder vai
usar de todas as violências para esma-
gar a greve e levar-nos à rendição? Res-
pondam cada um conforme lhe pedir a sua

consciência.

Estamos certos que não haverá uma

associação operária orientada por tra-
balhadores conscientes que tome a se-
rio o apelo que vem de lhe ser dirigido

pelo referido ministro, apelo que re-
presenta apenas poeira, simples poeira.

As associações operárias sabem por ex-
periência própria que não há forma de

chegarem a quaisquer entendimentos

com as associações patronais, sobretudo

acrescida dum agravamento da situa-
ção.

Os acionadores, os accionistas das

grandes companhias, os novos ricos

não são da opinião — o que é perfec-
tamente compreensivo.

El tonto ese...

El tonto ese que afirmou ser a nossa

principal campanha encaminhada no

sentido de exigir (nada menos) das

nações aliadas que suavizaram as condi-
ções de paz impostas à Alemanha, não

merece aliança que lhe chamemos mar-
telo.

Na Alemanha então, esses mo-
vimentos assumem em regra uma feição

insurreccional e a agitação é contínua,

frente profunda.

O mal é de paz, mas de

guerra ardente, continua o vinho,

é impossível dizer quando

o tempo é de paz e quando é de guerra.

Prevenidos todos os grevistas que

o devem ligar a mínima importância

emelhantes avisos, aconselhando-os a

se apresent

II Congresso Nacional Operário

Desde as 2 da t.
Mafané e Soirée

As últimas aventuras de Maciste, 5.ª jornada—A falsa condessa, 5.º episódio. ROMANCE DE GLOBO, (9.º, 10.º, 11.º e 12.º episódios) e outros sucessos (472)

2.ª feira ESTREIA da 4.ª jornada das Aventuras de Maciste—Castigo e abnegação.

só o poder judicial pode intervir em questões deste género. Hoje veremos o que do redactor principal de *A Batalha* deseja o comandante da polícia. E dopo paratrem.

Uma nota oficiosa

O chefe do distrito manda avisar-nos esta madrugada de que no edifício do governo civil estava sendo distribuída aos *reporters* uma nota oficiosa de sua composição, convidando-os a comparecer para também recolhermos cópia do documento. Lá foi um dos nossos redactores na melhor das intenções de trazer o traslado fiel da prosa do governador civil. Tratava-se dum resposta ao artigo ontém por nós publicado. Esperando que outros *reporters*, primeiramente chegados, tirassem só, da nota oficiosa, o nosso redactor ouviria a maior parte dela. Era o próprio governador civil quem ditava. No documento se dizia (itámos de memória) que a indisciplina social de certos elementos e a falta de educação cívica tornam por vezes necessário o recurso à violência para fazer respeitar as decisões oficiais, mas o procedimento dos agentes de ordem é sempre julgado superiormente, sendo severamente punidos os que exorbitarem. Lá se ajuntava que os calabouços do governo civil, não sendo modelares, muito longe disso, estão todavia a sofrer reparações que os melhoram.

Lá se convidavam a depôr os que tivessem a dizer da conduta da polícia nas prisões. Lá se ajuntava que o *in-pace*, a que no artigo de *A Batalha* se aludiu, não existe já. Até aqui muito bem; mas daqui por diante é que o ditado tomo um aspecto que forçou o nosso redactor a retirar-se. Enquanto este esperava que os *reporters* terminassem a cópia do extenso documento, para, por sua vez, tomar lugar à mesa onde a cópia se passava, o governador civil ditava:

«O *in-pace* não existe já... Era realmente de molde... a elouquecer os presos... E para doidos bastam já...» Não é piada—gracou o chefe do distrito interrompendo a leitura.—Não é. Eu também, ao redigir, me lembrei de concluir: «Para doidos bastam já os que no governo civil permanecem... por falta de lugares no manicomício...» E, interrompendo-se de novo, o chefe do distrito consentiu:

«E que os operários do manicomício não ha maneira de apresentarem trabalho feito, é o que é.

O ditado prosseguiu:

«Os gritos destes doidos são aqueles... que a um jornal da manhã... deram pretexto... para novas insinuações...»

Não pôde o nosso redactor permanecer silencioso nesta altura. O governador civil tem o direito de defender a corporação policial a que preside e cujos actos tão pouco detentivos se nos afiguram. O que não tem é o direito de difamar um jornal que, como o nosso, tem direito a ser tratado de outra forma pela honestidade dos processos que sempre adoptou. Ao ouvir a palavra «insinuações» o nosso redactor, a quem a cena não estava già agradada de modo nenhum, o nosso redactor interrompeu a cópia:

—Perdoe v. ex., mas julgo inútil a minha permanência aqui. Mesmo que chegassem a copiar a nota oficiosa, *A Batalha* não a publicaria. Nós não fazemos insinuações.

Trocaram-se seguidamente, com o chefe do distrito, algumas frases rápidas, após as quais o nosso redactor se retirou, não tendo conseguido achar a conclusão do ditado. Esta é a razão porque não publicamos o documento do chefe do distrito que todos os demais jornais hoje darão à estampa.

“A BATALHA”

Vende-se uma colecção desde o 1.º número até à data. R. Poiares de S. Bentos, 46, engraxador. 471

Concertos populares

Inaugurou-se ontem, na Sociedade Nacional de Belas Artes, a Associação dos Músicos Portugueses

Estes os nossos leitores, pelas notícias publicadas na *Batalha*, suficientemente informados da existência entre os músicos dos concertos teatrais, para que retiram as suas pormenores.

O que é certo é que a classe dos músicos, nenhospesada pelas empresas, resolveu levar a efecto uma série de concertos, na intenção louvável de difundir o gosto pela música entre as camadas populares, pelo primeiro de que se realizou ontem na Sociedade Belas Artes, com um programa brilhantíssimo, a todos os presentes, superiormente dirigido pela batuta experimentada do grande artista que é Viana da Mota.

O clou da noite foi, sem dúvida, a suite taurina (de aldeia) de António Ferreira, que encantou o público, e que o público, merecendo que ocorresse à apresentação da orquestra da Associação dos Músicos Portugueses, número aquela chão de beleza e colorido, que esperamos seja repetido pela Orquestra Sinfônica.

Oxalá frutasse, daqui a pouco, a iniciativa dos nossos amados, a qual devem acorrer todos que se interessam pela arte divina que azeiteiro Beethoven, não só por se tratar de espetáculos altamente educativos como também porque, secundando-a, será utilíssima a nobre causa pela qual os músicos se batem.

O novo concerto realiza-se amanhã no Jardim da Estréla, com o seguinte programa sensacional:

Sôbre (azinhe) puro... 1\$10

Briquetes 1.... \$65

em sacas seladas de 45 quilos

Bolas a 832 o cento, eisco a 860

Amigos que se interessam, venham!

Os bilhetes podem ser adquiridos na

recepção da Sociedade Belas Artes, e

no Jardim da Estréla, onde se realizam

os concertos.

O clou da noite foi, sem dúvida, a suite

taurina (de aldeia) de António Ferreira,

que encantou o público, e que o público,

merecendo que ocorresse à apresentação

da orquestra da Sociedade Belas Artes,

com um programa brilhantíssimo, a todos os presentes, superiormente dirigido pela batuta exper-

imentada do grande artista que é Viana

da Mota.

O clou da noite foi, sem dúvida, a suite

taurina (de aldeia) de António Ferreira,

que encantou o público, e que o público,

merecendo que ocorresse à apresentação

da orquestra da Sociedade Belas Artes,

com um programa brilhantíssimo, a todos os presentes, superiormente dirigido pela batuta exper-

imentada do grande artista que é Viana

da Mota.

O clou da noite foi, sem dúvida, a suite

taurina (de aldeia) de António Ferreira,

que encantou o público, e que o público,

merecendo que ocorresse à apresentação

da orquestra da Sociedade Belas Artes,

com um programa brilhantíssimo, a todos os presentes, superiormente dirigido pela batuta exper-

imentada do grande artista que é Viana

da Mota.

O clou da noite foi, sem dúvida, a suite

taurina (de aldeia) de António Ferreira,

que encantou o público, e que o público,

merecendo que ocorresse à apresentação

da orquestra da Sociedade Belas Artes,

com um programa brilhantíssimo, a todos os presentes, superiormente dirigido pela batuta exper-

imentada do grande artista que é Viana

da Mota.

O clou da noite foi, sem dúvida, a suite

taurina (de aldeia) de António Ferreira,

que encantou o público, e que o público,

merecendo que ocorresse à apresentação

da orquestra da Sociedade Belas Artes,

com um programa brilhantíssimo, a todos os presentes, superiormente dirigido pela batuta exper-

imentada do grande artista que é Viana

da Mota.

O clou da noite foi, sem dúvida, a suite

taurina (de aldeia) de António Ferreira,

que encantou o público, e que o público,

merecendo que ocorresse à apresentação

da orquestra da Sociedade Belas Artes,

com um programa brilhantíssimo, a todos os presentes, superiormente dirigido pela batuta exper-

imentada do grande artista que é Viana

da Mota.

O clou da noite foi, sem dúvida, a suite

taurina (de aldeia) de António Ferreira,

que encantou o público, e que o público,

merecendo que ocorresse à apresentação

da orquestra da Sociedade Belas Artes,

com um programa brilhantíssimo, a todos os presentes, superiormente dirigido pela batuta exper-

imentada do grande artista que é Viana

da Mota.

O clou da noite foi, sem dúvida, a suite

taurina (de aldeia) de António Ferreira,

que encantou o público, e que o público,

merecendo que ocorresse à apresentação

da orquestra da Sociedade Belas Artes,

com um programa brilhantíssimo, a todos os presentes, superiormente dirigido pela batuta exper-

imentada do grande artista que é Viana

da Mota.

O clou da noite foi, sem dúvida, a suite

taurina (de aldeia) de António Ferreira,

que encantou o público, e que o público,

merecendo que ocorresse à apresentação

da orquestra da Sociedade Belas Artes,

com um programa brilhantíssimo, a todos os presentes, superiormente dirigido pela batuta exper-

imentada do grande artista que é Viana

da Mota.

O clou da noite foi, sem dúvida, a suite

taurina (de aldeia) de António Ferreira,

que encantou o público, e que o público,

merecendo que ocorresse à apresentação

da orquestra da Sociedade Belas Artes,

com um programa brilhantíssimo, a todos os presentes, superiormente dirigido pela batuta exper-

imentada do grande artista que é Viana

da Mota.

O clou da noite foi, sem dúvida, a suite

taurina (de aldeia) de António Ferreira,

que encantou o público, e que o público,

merecendo que ocorresse à apresentação

da orquestra da Sociedade Belas Artes,

com um programa brilhantíssimo, a todos os presentes, superiormente dirigido pela batuta exper-

imentada do grande artista que é Viana

da Mota.

O clou da noite foi, sem dúvida, a suite

taurina (de aldeia) de António Ferreira,

que encantou o público, e que o público,

merecendo que ocorresse à apresentação

da orquestra da Sociedade Belas Artes,

com um programa brilhantíssimo, a todos os presentes, superiormente dirigido pela batuta exper-

imentada do grande artista que é Viana

da Mota.

O clou da noite foi, sem dúvida, a suite

taurina (de aldeia) de António Ferreira,

que encantou o público, e que o público,

merecendo que ocorresse à apresentação

da orquestra da Sociedade Belas Artes,

com um programa brilhantíssimo, a todos os presentes, superiormente dirigido pela batuta exper-

imentada do grande artista que é Viana